



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

DIÁLOGOS PRODUZIDOS NO ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA: a rede que aproxima Universidade e Escola

SIQUEIRA, Simoni Santos(UFGD – Dourados)¹
MOREIRA, Caio Cesar Honório (UFGD – Dourados)²

RESUMO: Por muito tempo a historiografia brasileira deixou de dar visibilidade ao protagonismo indígena e a sua trajetória ao longo da História. Um fato que levanta muitos questionamentos na atualidade é como o ensino de História e culturas indígenas é realizado dentro das escolas de nível básico. Dessa forma, esse texto tem por objetivo abordar o Projeto de Extensão “Aproximando universidade e escola, teoria e prática: oficinas de história e cultura indígena nos campos de estágio” realizado no município de Ivinhema/MS, durante o ano de 2022, que busca aproximar a universidade da escola de ensino básico, por meio de oficinas realizadas sobre o tema história indígena. O projeto foi desenvolvido não apenas com a realização de oficinas, mas com o auxílio de questionários aplicados em sala, para fazer um levantamento entre os estudantes dos seus conhecimentos sobre a história indígena no Brasil. A realidade encontrada nas escolas é lembrança do indígena pelo dia 19 de abril, quando as crianças pintam o rosto e colocam uma pena na cabeça. Dessa forma, é necessário que os professores, alunos e demais agentes das escolas problematizem e se apropriem do conhecimento histórico, tornando-se produtores e protagonistas desse conhecimento. Nesse contexto, trazer a visibilidade indígena para a atualidade é pensar que os próprios indígenas tem elaborado suas próprias críticas a respeito do modo em que a história que também pertence a eles tem sido contada.

Palavras-chave: Escola. Indígena. Visibilidade.

Introdução

Ao longo dos anos as políticas indigenistas buscaram eliminar os indígenas e anular sua identificação étnica, seja por meio da violência física ou simbólica, o que fez com que essas populações diminuíssem em um número significativo com o passar do tempo.

Apresentar os dados coletados pelo presente projeto é o principal objetivo desse texto, sendo que, os mesmos estão relacionados com o desenvolvimento do

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal da Grande Dourados-PPGH/UFGD. E-mail: simony_siqueira@hotmail.com

² Mestrando em História pela Universidade Federal da Grande Dourados-PPGH/UFGD. E-mail: caiochmoreira@gmail.com.





VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

projeto na cidade de Ivinhema/MS, em 2022, nas escolas: Escola Estadual Angelina Jaime Tebet e Escola Estadual Senador Filinto Muller.

No que diz respeito a educação, além da garantia de uma educação escolar indígena intercultural e bilíngue para as comunidades indígenas, muitas transformações ocorreram pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9.394/96), que acabou direcionando a Lei 11.645/2008, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura indígena nas escolas, que objetiva demonstrar o protagonismo indígena na formação histórica do Brasil.

No desenvolvimento do trabalho a metodologia utilizada consiste na participação dos acadêmicos do curso de licenciatura em História da UFGD, e da pós-graduação em História da mesma universidade, no qual o primeiro passo a ser desenvolvido foi a sondagem junto aos alunos do ensino médio, sobre a temática indígena.

Assim, a ideia é desconstruir estereótipos que permanecem na sociedade brasileira em relação as Histórias e Culturas Indígenas, de modo a dar outro sentido as lutas e conquistas dos povos originários do país.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A história indígena por muito tempo foi contada através de uma lente, ou seja, "a lente do outro", do colonizador, que levou a uma hierarquização que ainda hoje persiste na sociedade brasileira. Pode-se dizer que a história indígena desde o período colonial é retratada por meio dos olhos imperiais, dos quais aborda o indígena como um problema social e que apenas serviam para ser explorados e dizimados.

A pergunta que se faz há séculos e que está presente na atualidade é (in)dependência para quem? Para Linda Smith (2018) a prática tem sido definida por escritores, cujas origens literárias estão assimiladas nas paisagens, linguagens, culturas e pessoas cujas próprias histórias foram interrompidas e radicalmente refeitas pelo imperialismo europeu.





VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

Assim, pode-se dizer que “o imperialismo ainda fere, ainda destrói e se reformula constantemente” (SMITH, 2018, p. 31). Os povos indígenas passaram por diversos desafios, para compreender e compartilhar linguagens que falassem a respeito da história, bem como, da sua luta dolorosa e da persistência para sua sobrevivência.

A ideia aqui é trazer a história indígena de uma forma diferente e não apenas vista pelo olhar do colonizador, mas dar voz e vida ao protagonismo indígena que até o momento do “nascimento da nação veio acompanhado da negação da diversidade étnico-cultural” (CAVALCANTE, 2022, p. 71). Almeida (2017, p.20) ressalta que “ainda esta muito presente no senso comum da população brasileira, essas ideias, além de extremamente danosas à autoestima dos índios [...]”.

Com o passar dos anos a história indígena foi contada a partir de uma perspectiva colonial e as consequências dessa perspectiva. No entanto, o protagonismo indígena esta cada vez mais presente em nossa sociedade, e umas das figuras que representa esse marco com legitimidade e a escolhida para ser retratada nesse texto é “Edson Machado de Brito”, conhecido como Edson Kaiapó, que tem uma relevante trajetória de luta e resistência e que não deixa de produzir a sua história por todo Brasil.

Uma das ideias propostas por Edson Kaiapó é justamente como a história indígena é trabalhada em sala de aula, e principalmente como ela é vista pela escola indígena. O mesmo autor parte de dois pontos: “nas transformações que a escola indígena vem experimentando nas últimas duas décadas e nas políticas públicas voltadas para o ensino da história e cultura indígena nas escolas brasileira de nível básico, em conformidade com a lei 11.645/08” (BRITO, 2009, p. 59). Com base nessa problemática Novak, Marques e Santos (2022, p. 223) afirmam:

[...] se por um lado, é possível verificar significativos avanços em virtude da Lei 11.645/2008, por outro, é pertinente afirmar que há um longo caminho para a desconstrução dos estereótipos presentes na sociedade brasileira, construídos em quase cinco séculos de uma visão predominantemente eurocêntrica, que pregava o fim do indígena, seja físico ou culturalmente.

Falar em escrever uma nova história indígena contada a partir do olhar do próprio indígena, é também rever os espaços que ela foi fortemente empregada, e a escola é um deles, a mesma busca ressignificar e incorporar elementos culturais,





VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

superando o ideal civilizador presente, transformando em uma valorização da cultura e visibilidade desses povos.

Dentro das escolas, segundo Edson Kaiapó, o indígena é representado “como a expressão do folclore nacional ou como elementos presos a um passado longínquo da história brasileira”. Em outros momentos são lembrados apenas no período colonial ou no dia 19 de abril, quando as crianças pintam o rosto e colocam uma pena na cabeça. De acordo com Novak e Mendes (2021):

No Brasil foram quase cinco séculos de políticas indigenistas que buscavam eliminar os indígenas e anular sua identificação étnica, por meio de violências físicas ou simbólicas, promovendo uma redução drástica da sua população. Contudo, nas últimas três décadas vem ocorrendo um aumento demográfico entre os índios [...] (NOVAK e MENDES, 2021, p.14)

Desse modo, é necessário “que professores, alunos e demais agentes dessas escolas problematizem e se apropriem do conhecimento histórico, tornando-se produtores e protagonistas desse conhecimento” (BRITO, 2009, p. 63-64).

Observando essa realidade presente atualmente o desenvolvimento do projeto “aproximando universidade e escola” vem para auxiliar na desconstrução desses estereótipos, e mostrar que muito mais precisa ser feito dentro da sala de aula para que o aluno possa compreender realmente o significado e a importância dos Povos Originários do Brasil.

METODOLOGIA

No desenvolvimento do projeto os estudantes que participaram da realização do mesmo são do curso de licenciatura em História e da pós-graduação em História da UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados). A etapa inicial foi desenvolver a sondagem nas escolas, no ensino médio, sobre a temática indígena por meio da distribuição e recolhimento de um questionário composto por oito questões, cada questão com cinco alternativas de múltipla escolha.

Posteriormente são planejadas e elaboradas as oficinas e, por fim, executadas nas escolas com base no mesmo questionário aplicado na etapa das sondagens. Todo esse processo é pensado em conjunto com o grupo, de forma com





VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

que, analisando o resultado da sondagem, possa ser observado o grau de conhecimento relacionado aos indígenas e à questão indígena naquela instituição ou sala de aula.

ANÁLISE DE DADOS

Após a análise do questionário, foram observados os quantitativos de respostas dos alunos relacionadas ao seu conhecimento sobre os povos indígenas e quais eram suas maiores lacunas a respeito do assunto. Os Resultados dos questionários (E. E. Angelina Jaime Tebet e Senador Filinto Müller), estão ambos apresetados juntos nos quadros. Dessa forma, as questões apresentadas abaixo seguem a ordem de 1 a 8, das quais as opções a serem escolhidas pelos alunos são as alternativas A, B, C, D e E.

Quadro 1 - "Os índios do Brasil estão acabando?"

Alternativa	Texto da alternativa	Total
A	Não, porque há muitos projetos assistencialistas do governo e os indígenas vêm tendo muitos filhos para se beneficiarem desses projetos.	3
B	Sim, porque os índios estão sendo mortos por doenças e assassinados por práticas de violência desde a chegada dos europeus.	3
C	Sim, porque eles estão cada vez mais nas cidades, deixando de ser indígenas de verdade e utilizando objetos da sociedade não indígena.	9
D	Não, nos últimos 30 anos houve um aumento da população indígena devido aos direitos conquistados na Constituição de 1988, nas áreas da saúde, educação e demarcação de terras.	7
E	Sim, devido a todos os processos de violência, como por exemplo, no período da Ditadura Militar, em que foram mortos mais de oito mil indígenas e mesmo após o fim da ditadura a população indígena continua diminuindo.	10
Total das respostas		32

Fonte: UFGD, 2022.

De acordo com o quadro 1, totalizando 32 repostas , os estudantes acreditam que os indígenas estejam desaparecendo alternativa (E), ao mesmo tempo alguns escolheram a alternativa (D) que as populações indígenas estejam aumentando devido aos direitos conquistados pela Constituição de 1988. Sendo que um numero significativo de estudantes optou pela alternativa (C), acreditando que o indígena perde sua "cultura". Nas outras alternativas (A) e (B) podemos observar que poucos



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

estudantes acreditam nos projetos assistencialistas e que os indígenas estão morrendo por doenças.

Quadro 2 - "O índio verdadeiro é aquele que vive pelado na floresta?"

Alternativa	Texto da alternativa	Total
A	Sim, porque só assim ele se relaciona com as suas verdadeiras origens indígenas e à preservação das tradições culturais de seus antepassados.	3
B	Sim, pois quando ele se transfere para as zonas urbanas, conseqüentemente se moderniza, ganha a cidadania brasileira e perde a sua identidade cultural, ou seja, deixa de ser indígena.	2
C	Não, pois em muitos casos o indígena foi civilizado pelo indivíduo não indígena, se adequando à cultura do homem branco e às normas do sistema capitalista.	7
D	Não, pois as culturas são dinâmicas e se alteram de acordo com cada contexto histórico e, assim como qualquer outra pessoa, o indígena também passou por transformações em suas formas de vida.	17
E	Sim, pois se viverem nas cidades vão usar objetos da cultura do homem branco e perder a identidade indígena, assim como um brasileiro deixa de ser brasileiro quando usa uma roupa árabe ou saboreia uma comida japonesa.	3
Total das respostas		32

Fonte: UFGD, 2022.

Com base no quadro 2, a maioria dos estudantes optaram por escolher a alternativa (D), onde acreditam que os indígenas também sofrem alterações e transformações em suas vidas com o passar dos anos. Bem como, a escolha de 7 estudantes pela alternativa (C), onde ressaltam as transformações ocorridas pelo colonialismo presente no Brasil. Sendo que as alternativas (A), (B) e (E) ficaram equiparadas, nas quais os estudantes ainda apresentam a história indígena vista de um "Olhar colonialista".

Quadro 3 - "Os indígenas do Brasil falam a língua Tupi?"

Alternativa	Texto da alternativa	Total
A	Sim, o projeto colonizador no Brasil aniquilou as línguas indígenas, com o uso de forte violência, sobrando uma língua indígena, que é a Tupi.	7
B	Não, na verdade ainda existem três línguas indígenas faladas no Brasil: Tupi, Tapuia e Guarani.	8
C	Não, pois Tupi não é uma língua indígena, mas sim um tronco linguístico, composto por famílias linguísticas, diversas línguas e dialetos, como o Guarani e o Kaiowa.	6
D	Não, pois ao todo são 274 línguas indígenas ainda faladas no Brasil, organizadas em troncos e famílias linguísticas, mas que não têm importância na história do Brasil e nem mesmo para os povos indígenas da atualidade.	3
E	Não, são centenas de línguas indígenas ainda presentes no Brasil, mas somente faladas pelos índios mais velhos, pois os mais novos só falam a língua portuguesa.	5
Total das respostas		29

Fonte: UFGD, 2022.



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

Observando o quadro 3, as alternativas (A) e (B) ficaram próximas de acordo com as respostas dos estudantes, a maioria acredita que só tenha uma língua indígena no Brasil, ou que apenas três. Entretanto, seis estudantes optaram pela alternativa (C) que mostra o conhecimento sobre os troncos linguísticos. Quanto a alternativa (D), poucos tinham conhecimento sobre as 274 línguas indígenas existentes no Brasil.

Quadro 4 - "Os indígenas do Brasil vivem em ocas?"

Alternativa	Texto da alternativa	Total
A	Não, todos os indígenas viveram em ocas até o século XVI e evoluíram após o contato com os europeus, construindo diferentes formatos de casas, graças à ajuda dos colonizadores	5
B	Sim, apesar dos novos aprendizados com os colonizadores, a maior parte dos indígenas ainda vive em ocas, no meio do mato, com sua forma primitiva de vida.	7
C	Não, pois as formas das casas variam segundo os costumes e a historicidade de cada etnia, podendo ter vários formatos, com diferentes tamanhos e a utilização de diversos materiais.	15
D	Sim, pois os indígenas são pobres e suas condições socioeconômicas só permitem construir ocas por todo o Brasil.	1
E	Sim, pois a historicidade de cada etnia é importante para entender suas transformações culturais, inclusive nas suas casas, e quem vive hoje em casa de alvenaria deixou de ser indígena.	1
Total das respostas		29

Fonte: UFGD, 2022.

Diante da questão levantada "Os Indígenas do Brasil vivem em Ocas"?. A maioria dos estudantes optaram pela alternativa (C), que corresponde as variadas moradias ocupadas pelos indígenas, de acordo com a sua etnia, sendo que a alternativa (A) e (B), mostram que os estudantes ficaram na dúvida sobre os modelos de moradia e ainda reafirmam a ideia de que o indígena vive em "Oca".

Quadro 5 - "Os povos indígenas do Brasil são preguiçosos?"

Alternativa	Texto da alternativa	Total
A	Sim, pois os indígenas nunca trabalharam na história do Brasil e sempre viveram de projetos assistencialistas dos poderes públicos ou pedindo esmolas nas cidades.	2
B	Não, pois a mão de obra indígena foi utilizada em todos os períodos da história do Brasil, inclusive na atualidade, sendo decisiva para a constituição e formação do país.	19
C	Sim, pois enquanto a nossa visão é de uma sociedade capitalista, baseada em produção de excedentes, acúmulo, consumo e lucro, os indígenas ficam esperando as coisas caírem do céu para terem o que comer.	1



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

D	Sim, pois somente trabalharam no período que a escravidão era legalizada, ou seja, quando eram forçados por um agente da colonização.	1
E	Não, eles não são preguiçosos, apenas possuem uma concepção diferente de trabalho, se preocupando apenas de forma individual, sem compromissos com a sua família e a sua comunidade.	7
Total das respostas		30

Fonte: UFGD, 2022.

Já o quadro 5 apresenta a alternativa (B) como a escolha da maioria dos estudantes, que acreditam que a mão de obra indígena foi fruto da exploração dos colonizados, bem como, a alternativa (E) que foi a escolha de sete estudantes, que optaram por escolher que o indígena possui um concepção diferente de trabalho. Já as alternativas (A), (C) e (D) tiveram poucas escolhas, mas mostra que alguns estudantes ainda acreditam que o indígena não trabalha e reproduzem esse estereótipo de que o mesmo é preguiçoso.

Quadro 6 - "Os povos indígenas do Brasil são primitivos?"

Alternativa	Texto da alternativa	Total
A	Não, o conhecimento indígena foi (e continua sendo) muito importante para a formação do Brasil, como nas áreas de medicina, astronomia, linguística, engenharia, arquitetura, geografia, entre outras.	15
B	Sim, os indígenas não foram capazes de desenvolverem tecnologias e conhecimentos, conforme revelam as pesquisas arqueológicas já realizadas no Brasil.	2
C	Sim, por isso os indígenas vêm ocupando os espaços nas universidades e nas demais estruturas de poder político, educacional, social, porque descobriram que nas suas comunidades não há conhecimento	4
D	Não, os indígenas evoluíram a partir do contato com os europeus e passaram a produzir conhecimento, pois até 1.500 eram povos primitivos, sem nenhuma organização social, política e econômica e sem conhecimento e tecnologia.	8
E	Sim, o saber e conhecimento indígena é escasso e não tem serventia nesse mundo globalizado e industrializado.	1
Total das respostas		30

Fonte: UFGD, 2022

De acordo com o quadro 6, um grande número de estudantes optou pela alternativa (A), que acreditam que os indígenas ocupam os mesmos espaços ocupados pelos brancos na atualidade e podem fazer parte das instituições, um exemplo, é a universidade. Sendo que oito estudantes optaram pela alternativa (D), que ressalta que o conhecimento indígena veio com os portugueses, o que faz ser descartado todo conhecimento representado no Brasil antes mesmo até dos portugueses chegarem no país. Sendo que, as outras alternativas (B), (C) e (E) foram escolhidas por sete estudantes, mas que apontam a representação do



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

indígena como primitivo, ou seja, não acreditam que esses povos se adequaram de acordo com a suas necessidades de sobrevivência.

Quadro 7 - "No Brasil os indígenas têm muita terra?"

Alternativa	Texto da alternativa	Total
A	Sim, por todas as regiões brasileiras os indígenas são donos de grandes áreas de terras, embora seja uma população insignificante na demografia brasileira.	2
B	Não, os territórios indígenas foram invadidos a partir do período de colonização e na maior parte dos estados brasileiros não há sequer uma Terra Indígena demarcada	10
C	Não, os indígenas do Brasil não têm muita terra e as que possuem precisam ser destinadas ao agronegócio para o aumento da produção agrícola e desenvolvimento do país.	4
D	Sim, pois os indígenas da atualidade não precisam de terras, já que estão civilizados e podem morar nas cidades, liberando as terras para os latifundiários e a produção agrícola.	2
E	Não, pois os indígenas não têm a efetiva posse das terras, mas apenas o seu usufruto, não podendo vender as terras, que na sua maioria são as áreas de natureza preservada que sobraram no Brasil.	13
Total das respostas		31

Fonte: UFGD, 2022.

Na observação do quadro sete, pode-se perceber que tanto a alternativa (B), quanto a (E), os estudante optaram por dizer que os indígenas não tem muita terra, levando em consideração a demarcação de terras e aquelas que eles fazem o uso, mas que são apenas para usufruto, terras essas que não podem ser vendidas e que são áreas de de preservação. Já as alternativas (A), (C) e (D) foram escolhidas por oito estudantes, que alegam que o indígena tem muita terra, ou que suas terras são destinadas ao agronegócio mesmo sendo deles.

Quadro 8 - "No estado de Mato Grosso do Sul os indígenas têm muita terra?"

Alternativa	Texto da alternativa	Total
A	Sim, pois a população indígena de Mato Grosso do Sul é muito pequena em relação a grande extensão territorial das Terras Indígenas demarcadas.	4
B	Sim, os povos indígenas não necessitam de terras, pois muitos deles moram na área urbana e já foram integrados à civilização.	6
C	Sim, eles têm muitas terras que não são bem utilizadas, não produzem nessas terras e não contribuem com a economia do estado.	1
D	Não, pois o Mato Grosso do Sul é o segundo estado brasileiro em população indígena e as Terras Indígenas demarcadas correspondem a apenas 1,6% de toda a extensão territorial do estado.	17
E	Não, as Terras Indígenas demarcadas no estado são insuficientes para o grande número de indígenas que deseja tomar as terras dos agricultores e prejudicar o agronegócio.	3
Total das respostas		31

Fonte: UFGD, 2022.



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

Na último quadro apresentado, 17 estudantes optaram pela alternativa (D), é apresentada a realidade dos indígenas de Mato Grosso do Sul, e ressalta a pequena porcentagem de demarcação de terras. No caso dos seis estudantes que optaram pela alternativa (B), é visível o processo de colonização representado de forma que tira o direito do indígena, e no imaginário do estudantes eles vivem nas áreas urbanas, sendo que, não precisam de terras, pois já estão integrados nas civilização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados a partir do Projeto de Extensão “Aproximando Universidade e Escola, Teoria e Prática: ensino de história e cultura indígena nos campos de estágio” demonstram a necessidade da aplicação efetiva da lei 11.645/2008 que, mesmo após quinze anos de sua promulgação, o que ainda se discute é os desafios para sua aplicação. Esse debate se intensifica nos contextos das escolas nas quais o projeto desenvolveu suas atividades em que há significativa presença indígena.

É notório o avanço dos debates acerca das questões indígenas na atualidade, fato que demonstra a importância e efetividade na luta desses povos. No entanto, muitos preconceitos ainda são amplamente reproduzidos, inclusive no âmbito da educação básica.

Conclui-se que o papel do professor de história diante dessa realidade apresentada com a pesquisa, é fundamental para a desconstrução de estereótipos criados desde o período colonial e que permanecem na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ALEGRO, Regina Célia. **Conhecimento prévio e aprendizagem significativa de conceitos históricos no ensino médio**. 2008. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho, Marília, 2008.





VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 37, n. 075, 2017.

BRITO, Edson. **O Ensino de história como lugar privilegiado para o estabelecimento de um novo diálogo com a cultura indígena nas escolas brasileiras de nível básico.** Fronteiras, Dourados, MS, v. 11, n. 20, p. 59-72, jul./dez. 2009.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **História Indígena e do Indigenismo no Brasil: por uma necessária virada colonial.** In. LINO, Jaisson T.; BRIGHENTI, Clovis A.; WIJK, Flávio B.. (Orgs.) História indígena no Sul do Brasil, século XX: Novos estudos nos campos de saberes decoloniais. Naviraí: Aranduká, 2022. P.67-78.

NOVAK, Éder da Silva; MENDES, Luís César Castrillon. **Aproximando universidade e escola: ensino de histórias e culturas indígenas.** Jundiá: Paco Editorial. 2021.

NOVAK, Éder; MARQUES, Ivana; SANTOS, Angelita. Historicidade, Alteridade e Diversidade: Os Desafios do Ensino de História e Cultura Indígena nas Escolas. **História em Reflexão**, Dourados, v. 15, n. 31, p. 214-244, 2022. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/14846>. Acesso em: 19 de jan. de 2023.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas.** Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

